



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



COMUNICAÇÃO QUILOMBOLA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE JORNALISMO

Juliana César Nunes¹

e-mail: ju.nunes@gmail.com

Orientadora: Professora Dra Dione Oliveira Moura

e-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com

RESUMO

A presença de comunidades quilombolas na esfera pública brasileira esteve historicamente mediada por narrativas produzidas por agentes externos, entre eles o Estado, a academia e os meios de comunicação tradicionais. Nas últimas décadas, entretanto, observa-se o fortalecimento de iniciativas de comunicação desenvolvidas pelos próprios quilombolas. A partir da tese de doutorado da autora (Nunes, 2024), este artigo analisa as práticas de comunicação quilombola e discute suas interfaces com o campo do jornalismo. Essa reflexão dialoga com contribuições teóricas dos estudos culturais e do pensamento social negro brasileiro. Argumenta-se que as experiências de comunicação quilombola oferecem referências relevantes para o ensino do jornalismo, especialmente no que se refere à democratização da comunicação e à formação de profissionais comprometidos com a diversidade (cultural e social) e o combate ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Quilombola. Jornalismo. Diversidade. Racismo. Ensino do Jornalismo.

1 Introdução

A presença de comunidades quilombolas no Brasil está associada a processos históricos de resistência, organização social e preservação de saberes construídos ao

¹ Doutora em Poder e Processos Comunicacionais pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Mestre em Jornalismo e Sociedade, especialista em Bioética e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma universidade. Jornalista da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



longo de gerações. Apesar dessa trajetória, durante grande parte da história da comunicação brasileira as narrativas sobre essas comunidades foram produzidas majoritariamente por agentes externos, entre eles o Estado, a academia e os meios de comunicação tradicionais.

Esse processo contribuiu para a construção de representações frequentemente marcadas por estereótipos, simplificações ou invisibilização das experiências sociais e políticas dessas comunidades. Nas últimas décadas, entretanto, observa-se o fortalecimento de iniciativas de comunicação desenvolvidas pelos próprios quilombolas, que passam a produzir narrativas sobre seus territórios, suas histórias e suas lutas por reconhecimento e direitos (Nunes, 2024).

Esse movimento ocorre em um contexto mais amplo de transformações no campo da comunicação contemporânea. As mudanças tecnológicas e a ampliação do acesso às plataformas digitais contribuíram para diversificar os atores envolvidos na produção de conteúdos informativos. Nesse cenário, movimentos sociais, organizações comunitárias e coletivos de comunicação passam a ocupar espaços cada vez mais relevantes na circulação de narrativas sobre diferentes realidades sociais.

Esse movimento ocorre em um contexto mais amplo de transformações no campo da comunicação contemporânea. As mudanças tecnológicas e a ampliação do acesso às plataformas digitais contribuíram para diversificar os atores envolvidos na produção de conteúdos informativos. Nesse cenário, movimentos sociais,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



organizações comunitárias e coletivos de comunicação passam a ocupar espaços cada vez mais relevantes na circulação de narrativas sobre diferentes realidades sociais.

Nesse sentido, Charron e De Bonville observam que o jornalismo contemporâneo passou por um processo de reconfiguração no qual a produção e a circulação de informações deixam de ser exclusividade das organizações jornalísticas tradicionais. Para os autores, “o jornalismo se transforma à medida que novos atores passam a participar da produção e da difusão de informações de interesse público” (Charron; De Bonville, 2016).

No caso das comunidades quilombolas, essas iniciativas comunicacionais articulam diferentes linguagens e tecnologias — como narrativas orais, produção audiovisual, experiências de comunicação comunitária e o uso de plataformas digitais — com o objetivo de fortalecer a circulação de informações nos territórios e ampliar a visibilidade de suas demandas políticas.

Esse processo pode ser compreendido também como parte de uma disputa simbólica mais ampla em torno das representações sociais sobre a população negra no Brasil. Como observa Stuart Hall, a representação desempenha papel central na construção de sentidos sobre identidades e grupos sociais. Para o autor, “as identidades culturais não são coisas fixas que existem fora da representação, mas são produzidas dentro dela” (Hall, 2006, p. 48).

A partir dessas reflexões e da tese da autora (Nunes, 2024), este artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira as práticas de comunicação desenvolvidas por comunicadores quilombolas podem ser



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



compreendidas como forma específica de produção de narrativas e quais são suas contribuições para o campo do jornalismo e para o ensino do jornalismo?

Parte-se da hipótese de que a comunicação quilombola constitui uma prática comunicacional própria, baseada no protagonismo comunitário, na valorização da memória coletiva e na produção de narrativas que disputam representações sobre os territórios quilombolas na esfera pública.

O objetivo do artigo é analisar a comunicação quilombola a partir da práxis de comunicadores e comunicadoras quilombolas, discutindo suas relações com o campo do jornalismo e suas possíveis contribuições para a formação de profissionais da área.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



2 Metodologia

Este artigo baseia-se em pesquisa qualitativa desenvolvida no campo da comunicação, articulando análise teórica e reflexão conceitual sobre práticas de comunicação quilombola. A investigação parte do diálogo entre estudos da comunicação, estudos culturais e contribuições do pensamento social negro brasileiro.

A análise mobiliza autores que discutem processos de construção identitária, produção de narrativas e disputas simbólicas no campo da comunicação. Stuart Hall (2006) contribui para compreender as identidades como construções históricas e discursivas. Segundo o autor, “a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2006, p. 38).

No campo da comunicação brasileira, as contribuições de Muniz Sodré são fundamentais para compreender a comunicação como fenômeno social e cultural. Para o autor, comunicar não significa apenas transmitir informações, mas participar de um processo coletivo de produção de sentidos. Nesse sentido, “a comunicação é antes de tudo um processo de constituição de vínculos simbólicos que estruturam a vida social” (Sodré, 2014, p. 29).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Ao mesmo tempo, a pesquisa incorpora contribuições de intelectuais negros que analisam a história e as formas de organização social da população negra no Brasil. Entre eles, destacam-se Abdias do Nascimento (1980), Beatriz Nascimento (2018), Lélia Gonzalez (1988), Kabengele Munanga (2003) e Givânia Maria da Silva (2012).

Esses autores oferecem aportes fundamentais para compreender os quilombos não apenas como experiências históricas do período escravista, mas como formas de organização social e política que continuam presentes na contemporaneidade.

A abordagem adotada busca compreender a comunicação quilombola como prática social situada, relacionada aos processos históricos de formação dos territórios quilombolas e às estratégias contemporâneas de produção de narrativas desenvolvidas por essas comunidades.

3 Desenvolvimento

Comunicação, identidade e produção de narrativas

A análise das práticas de comunicação quilombola exige compreender as relações entre comunicação, identidade cultural e produção de narrativas. Nos estudos culturais, a identidade é compreendida como processo histórico e socialmente construído, resultado de experiências coletivas e da circulação de representações.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Charron e De Bonville (2016) argumentam que o jornalismo contemporâneo passa por um processo de transformação caracterizado pela ampliação dos atores envolvidos na produção de conteúdos informativos. Nesse cenário, a circulação de informações de interesse público passa a envolver não apenas organizações jornalísticas profissionais, mas também coletivos sociais, movimentos e iniciativas comunitárias.

Para Hall (2006), as identidades culturais são produzidas por meio de narrativas compartilhadas que conectam indivíduos a histórias e experiências coletivas. O autor afirma que “as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (Hall, 2006, p. 112).

Nesse sentido, as representações midiáticas desempenham papel central na construção de percepções sociais sobre diferentes grupos e territórios. A forma como determinados grupos são retratados nos meios de comunicação influencia diretamente a maneira como são percebidos na esfera pública.

Essa reflexão dialoga com as contribuições de Muniz Sodré. Ao discutir a dimensão cultural da comunicação, o autor afirma que “a mídia participa da construção simbólica da realidade social, influenciando as formas pelas quais os grupos são percebidos e reconhecidos na sociedade” (Sodré, 2014, p. 52).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



No caso das comunidades quilombolas, essa disputa simbólica está diretamente relacionada à história da população negra no Brasil e às formas de resistência construídas ao longo do tempo.

Quilombos como experiências de organização social

A compreensão da comunicação quilombola exige considerar o significado histórico e político dos quilombos na formação social brasileira. Beatriz Nascimento propõe uma interpretação que amplia a compreensão histórica dessas comunidades.

Segundo a autora, os quilombos devem ser entendidos como experiências de reorganização da vida social da população negra. Para Nascimento, “o quilombo não foi apenas um espaço de fuga, mas uma experiência histórica de organização política e social da população negra no Brasil” (Nascimento, 2018, p. 89).

Essa interpretação permite compreender os quilombos como espaços de produção de saberes, práticas culturais e formas próprias de organização comunitária.

As reflexões de Abdias do Nascimento também contribuem para aprofundar essa perspectiva. Ao formular o conceito de quilombismo, o autor destaca o potencial político dessas experiências históricas. Para ele, “o quilombismo representa uma proposta de organização social baseada nos valores de solidariedade, autonomia e justiça coletiva” (Nascimento, 1980, p. 41).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A partir dessa perspectiva, os quilombos podem ser compreendidos como referências históricas para projetos contemporâneos de emancipação da população negra.

Comunicação quilombola e produção de conhecimento

A comunicação quilombola pode ser compreendida como continuidade dessas práticas históricas de organização social e produção de saberes. Ao produzir conteúdos informativos sobre seus territórios, registrar histórias locais e divulgar práticas culturais, comunicadores quilombolas atuam como mediadores na circulação de conhecimentos sobre suas comunidades.

Givânia Maria da Silva destaca que os quilombolas devem ser reconhecidos como sujeitos produtores de conhecimento sobre suas próprias realidades sociais. Para a autora, “as comunidades quilombolas não são apenas objeto de estudo, mas produtoras de conhecimento sobre suas histórias, seus territórios e suas formas de organização social” (Silva, 2012, p. 63).

Essa perspectiva contribui para questionar hierarquias tradicionais na produção do conhecimento e na construção de narrativas sobre grupos historicamente marginalizados.

Essa reflexão também dialoga com as contribuições de Kabengele Munanga, que analisa os processos de construção da identidade negra no Brasil. Segundo o autor, “a valorização da história e da cultura afro-brasileira é fundamental para o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



fortalecimento da identidade negra e para o enfrentamento das estruturas de racismo presentes na sociedade brasileira” (Munanga, 2003, p. 27).

Comunicação quilombola e jornalismo

A análise das práticas de comunicação quilombola também oferece contribuições importantes para o campo do jornalismo. Experiências como Crioulas Vídeo, Coletivo de Comunicação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Quilombolas (Conaq), Rede Kalunga Comunicações e TV Quilombo evidenciam a importância de ampliar a diversidade de vozes presentes na produção de narrativas jornalísticas e de reconhecer a relevância de iniciativas comunicacionais desenvolvidas por comunidades tradicionais.

A reflexão de Lélia Gonzalez é particularmente relevante nesse contexto. Ao analisar as relações entre racismo, cultura e produção de conhecimento no Brasil, a autora afirma que “o racismo brasileiro opera também no campo da produção de saberes, invisibilizando as contribuições da população negra para a formação do país” (Gonzalez, 1988, p. 76).

Aplicada ao campo da comunicação, essa reflexão reforça a necessidade de ampliar as perspectivas presentes na produção de narrativas jornalísticas e de reconhecer a importância das experiências comunicacionais desenvolvidas por comunidades negras.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Nesse sentido, a comunicação quilombola contribui para tensionar modelos tradicionais de produção de notícias e para ampliar o debate sobre democratização da comunicação no Brasil.

Comunicação quilombola e memória coletiva

A análise das práticas de comunicação quilombola evidencia que muitas dessas iniciativas estão profundamente relacionadas aos processos de preservação da memória coletiva das comunidades. Nos territórios quilombolas, a comunicação frequentemente assume a função de registrar histórias locais, preservar saberes tradicionais e fortalecer vínculos entre diferentes gerações.

A pesquisa que fundamenta este artigo (Nunes, 2024) identificou experiências de comunicação desenvolvidas em diferentes territórios quilombolas, nas quais a produção de conteúdos informativos se articula diretamente com a valorização da história e da identidade coletiva das comunidades.

Entre essas experiências destaca-se a produção de registros audiovisuais e documentais sobre a história de formação dos territórios quilombolas. Em diversas comunidades pesquisadas, comunicadores locais passaram a registrar relatos de moradores mais antigos, lideranças comunitárias e guardiões da memória local.

Esse processo revela a centralidade da oralidade como forma de transmissão de saberes. Nos territórios quilombolas, a memória coletiva frequentemente é preservada por meio de narrativas transmitidas entre gerações, que relatam a origem



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



das comunidades, as lutas pela permanência no território e as transformações vividas ao longo do tempo.

Beatriz Nascimento ressalta a importância da memória para compreender a história dos quilombos no Brasil. Para a autora, “o quilombo é também um espaço de preservação da memória histórica da população negra, um lugar onde a experiência coletiva se transforma em narrativa de resistência” (Nascimento, 2018, p. 92).

As iniciativas de comunicação identificadas na pesquisa dialogam diretamente com essa perspectiva. Em diversas comunidades, a produção de conteúdos informativos está associada ao esforço de registrar histórias que durante muito tempo permaneceram restritas ao espaço comunitário.

Em uma das experiências analisadas na tese, comunicadores quilombolas desenvolveram projetos de registro audiovisual sobre a história da comunidade, entrevistando moradores mais antigos e documentando práticas culturais locais. Esses registros passaram a circular tanto dentro do território quanto em espaços externos, como eventos acadêmicos, redes sociais e iniciativas de comunicação comunitária.

Uma comunicadora quilombola entrevistada na pesquisa destaca a importância desse processo de registro da memória coletiva:

“Durante muito tempo nossa história foi contada por outras pessoas. Quando a gente começou a gravar as entrevistas com os mais velhos da comunidade,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



percebemos que estávamos registrando coisas que nunca tinham sido escritas ou filmadas antes” (Entrevista, comunicadora quilombola, 2022).

Esse tipo de iniciativa evidencia como a comunicação quilombola contribui para ampliar a circulação de narrativas produzidas a partir da perspectiva das próprias comunidades.

Ao registrar histórias locais e divulgar práticas culturais, comunicadores quilombolas atuam como mediadores na circulação de saberes comunitários. Esse processo fortalece a construção de identidades coletivas e contribui para a valorização da história das comunidades.

Abdias do Nascimento também enfatiza a importância da memória histórica na construção de projetos de emancipação da população negra. Ao discutir o conceito de quilombismo, o autor afirma que “a memória das experiências quilombolas constitui um patrimônio político e cultural fundamental para a luta contemporânea da população negra” (Nascimento, 1980, p. 41).

Nesse sentido, a comunicação quilombola pode ser compreendida como continuidade dessas práticas históricas de preservação da memória e de afirmação da identidade coletiva.

Além disso, as iniciativas de comunicação também contribuem para registrar práticas culturais que fazem parte do cotidiano das comunidades, como celebrações



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



religiosas, festas tradicionais, formas de organização comunitária e práticas agrícolas transmitidas entre gerações.

Ao produzir registros sobre essas experiências, comunicadores quilombolas ampliam a visibilidade das culturas quilombolas e contribuem para disputar representações frequentemente estereotipadas ou invisibilizadas nos meios de comunicação tradicionais.

4 Considerações finais

A análise das práticas de comunicação quilombola evidencia a importância de reconhecer a diversidade de atores envolvidos na produção de narrativas na sociedade contemporânea.

Ao produzir conteúdos informativos sobre seus territórios e suas experiências sociais, comunicadores quilombolas contribuem para ampliar a pluralidade de vozes presentes no espaço público.

Essas iniciativas também demonstram que a comunicação pode desempenhar papel fundamental no fortalecimento da memória coletiva, da identidade cultural e da organização política de comunidades tradicionais.

Para o campo do jornalismo, a comunicação quilombola oferece contribuições importantes ao evidenciar a necessidade de ampliar a diversidade de perspectivas presentes na produção de narrativas jornalísticas.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



No campo do ensino do jornalismo, essas experiências podem contribuir para a formação de profissionais mais sensíveis às questões relacionadas à diversidade cultural, à responsabilidade social da comunicação e à importância da democratização do acesso à produção de informação.

Assim, a comunicação quilombola amplia o debate sobre democratização da comunicação e oferece referências importantes para repensar práticas jornalísticas e processos de formação no campo da comunicação.

REFERÊNCIAS

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (org.). *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, Juliana César. **COMUNICAÇÃO QUILOMBOLA: Em busca do tipo ideal a partir da práxis de comunicadores e comunicadoras quilombolas**. Tese de Doutorado Poder em Processos Comunicação. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **O quilombo como sistema social alternativo**. In: RATTIS, Alex (org.). *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2018.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



SILVA, Givânia Maria da. **Educação e identidade quilombola**. Brasília: MEC, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.